



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO-UNIFAMETRO
CURSO DE PSICOLOGIA**

FRANCISCO RENATO BEZERRA BESSA FILHO

**AUTENTICIDADE: UMA ANÁLISE FÍLMICA DE CISNE NEGRO À LUZ DA
ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA - ACP**

FORTALEZA

2021

FRANCISCO RENATO BEZERRA BESSA FILHO

AUTENTICIDADE: UMA ANÁLISE FÍLMICA DE CISNE NEGRO À LUZ DA
ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA - ACP

Artigo apresentado no dia 06 de dezembro de 2021 à banca examinadora do curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO – como requisito para obtenção do grau de bacharel, sob a orientação da professora M^a. Aline Gadelha Duarte.

FORTALEZA

2021

FRANCISCO RENATO BEZERRA BESSA FILHO

AUTENTICIDADE: UMA ANÁLISE FÍLMICA DE CISNE NEGRO À LUZ DA
ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA - ACP

Artigo apresentado no dia 06 de dezembro de 2021 à banca examinadora do curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO – tendo sido aprovado pela banca examinadora composta pelos professores abaixo:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. M^a. Aline Almeida Gadelha Duarte
Orientadora – Centro Universitário Unifametro

Prof^a. Dra. Teresa Gláucia Gurgel Gabriele Costa
Membro – Centro Universitário Unifametro

Prof^o. Dr. Yuri de Nóbrega Sales
Professor convidado

FORTALEZA

2021

À Prof.^a M.^a Aline Almeida Gadelha Duarte,
que acompanhou minha trajetória nos
estágios básico 01, específico 01,
específico 02 e orientou este artigo sempre
com imensa disposição, paciência e
prestimosidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a mim mesmo por continuar caminhando mesmo com o peso das lágrimas que já se venceram em meu peito depois de tantos anos;

Agradeço mais uma vez a minha orientadora Aline Gadelha que me mostra diariamente através do seu exemplo que posso ser honesto comigo mesmo em qualquer ambiente;

Ao Luis Morales, meu amigo, que foi minha materialidade e me permitiu sonhar mais alto mudando minha vida dentro da brevidade dela para um novo ciclo;

À Lia por tantas vidas compartilhadas, tanto apoio e cuidado nesses anos que guardo, nutro e plantarei novamente de outras formas;

À Raquel, por segurar minha mão, acreditar neste trabalho, quando muitas vezes duvidei;

À Luciana por me ouvir, ter sido meu olhar teórico fora do meu corpo com muito carinho;

Ao Felipe por compartilhar e me aconselhar com seu olhar sensível e cirúrgico;

Ao Daniel por ser muitas vezes ser minha luz mesmo quando lhe faltava;

Ao Michael por me inspirar com seu pensamento amável e jeito de ser grande;

Ao Yuri, minha referência enquanto terapeuta, pessoa, que sempre me surpreende com seu conhecimento, carinho, trato e exemplo;

Ao André por me mostrar que é possível falar o que se sente com força;

Ao Cavalcante por me mostrar a beleza que é ver as pessoas sendo o que são;

À mainha por me acolher de forma material, emocional e vivencial do seu jeito diante de uma vida tão aguerrida;

A painho que um dia me mostrou que ainda há que se ter esperança;

À Teresa Gláucia que está lendo agora. Muito obrigado;

Agradeço a todos que buscaram seus nomes aqui. Quero que saiba que vocês também estão nesses grandes espaços que não encontraram. Esse não é um agradecimento por um artigo, por um TCC, é um agradecimento por 10 anos de momentos, meses, anos, vivenciados intensamente nessa jornada. Quanto carinho eu recebi, quanta gente acredita em mim. Minha mais sincera e profunda gratidão por existirem e brilharem onde passam.

Como posso ser mais forte do que eu?
Você acha que isso é muito natural?
Não sei se vou conseguir
(Cidadão Instigado)

AUTENTICIDADE: uma análise fílmica de cisne negro à luz da abordagem centrada na pessoa - ACP

AUTHENTICITY: a black swan film analysis light of the person-centered approach - ACP

FRANCISCO RENATO BEZERRA BESSA FILHO

RESUMO

A autenticidade é fundamental para o desenvolvimento da pessoa e a estrutura do organismo, pois direciona todas as suas relações. O presente estudo tem como objetivo analisar a vivência em busca da autenticidade pela protagonista do filme Cisne Negro com base no conceito da Abordagem Centrada na Pessoa, proposta por Carl Rogers, através de análise fílmica de Cisne Negro, com o escopo em sua personagem principal, Nina Sayers (Natalia Portman). A pesquisa teve natureza qualitativa, com o método de observação descritiva e estruturada na forma de análise fílmica, cujo análise se baseou na análise descritiva. Diante disso, encontramos a falta de congruência nas atitudes de Nina em um tortuoso movimento da compreensão do seu quadro de referências.

Palavras-chave: Psicologia; Humanismo; Autenticidade.

ABSTRACT

Authenticity is fundamental for the development of the person and the structure of the organism, as it directs all its relationships. This study aims to analyze the experience in search of authenticity by the protagonist of the film Black Swan based on the concept of the Person-Centered Approach, proposed by Carl Rogers, through the Black Swan phylmic analysis of the scope in his main character, Nina Sayers (Natalie Portman). Research had qualitative nature, with the method of descriptive and structured observation in the form of phylmic analysis, whose analysis was based on descriptive analysis. In light of that, we found the lack of congruence in Nina's attitudes in a torturous movement of understanding of his reference board.

Keywords: Psychology; Humanism; Person-centered Approach; Authenticity.

1 INTRODUÇÃO

A Abordagem Centrada na Pessoa – ACP criada por Carl Rogers, considerada parte da terceira força da Psicologia Humanista com o entendimento de uma filosofia que coloca o ser humano no centro de suas inquietações, se classificando e diferenciando em um lugar comum de psicólogos e teóricos insatisfeitos com a visão de mundo de outras teorias psicológicas como Behaviorismo e Psicanálise (AMATUZZI, 2001).

Sendo assim para existir uma relação psicoterapêutica que tem como centralidade uma pessoa e suas inquietações, o terapeuta desta abordagem adota uma postura de não direcionar através de suas falas e seus pensamentos, mas sim como foco os do paciente, da pessoa que se apresenta, com potencial para o crescimento de forma positiva para si caso tenha condições suficientes que a contribuam para este crescimento (ROGERS, 1995).

A abordagem da ACP possui assim práticas terapêuticas com atitudes facilitadoras para contribuir para o crescimento da pessoa dentro de um ambiente terapêutico que são a “autenticidade”, “empatia” e “apreço positivo incondicional”, e que não são técnicas, mas um jeito de ser para que o terapeuta as vivencie integralmente durante a relação terapêutica (ROGERS, 2020). Aqui, há de se elencar um pequeno ponto para uma premissa que irá nortear todo este estudo, a comunicação integradora das condições que se dá de modo indissociável (BOZARTH, 2001). Quando se fala de uma condição (ou atitude) facilitadora, estamos falando de um processo de todas e ao mesmo tempo, com um único escopo do processo relacional terapêutico.

Estas condições, em síntese, são entendidas dentro de um ambiente terapêutico, seja psicólogo e paciente ou qualquer relação que tenha como objetivo o desenvolvimento de alguém: a autenticidade consiste em uma disponibilidade para sentir abertamente o que se está vivenciando e expressar; já a empatia pode ser definida como uma percepção dos sentimentos com precisão de uma pessoa e o apreço positivo incondicional é a atitude de o terapeuta aceitar o cliente sem julgamentos (ROGERS, 2020).

Dentre as condições facilitadoras este artigo será direcionado para a congruência e sua compreensão, que é a primeira condição em uma relação (apud BOZARTH, 2001, p. 114). É sabido que uma primeira condição é um ponto de partida em uma relação, e neste estudo partiremos desse conceito pois sem ele não há

confiança. Assim, a autenticidade deve ser buscada para a outra pessoa sentir que é possível se expressar no ambiente, se tornando possivelmente uma revelação pessoal por nunca ter conseguido falar abertamente o que realmente sente (BOZARTH, 2001).

Diante do exposto podemos refletir que se nas relações, terapêutica ou não, existem exigências do ambiente e de cultura a serem norteadas como o ideal, podemos então questionar: como se estrutura a vivência do buscar ser autêntico? Assim essa pesquisa teve como objetivo geral analisar a vivência em busca da autenticidade pela protagonista do filme *Cisne Negro* com base no conceito da Abordagem Centrada na Pessoa e como objetivos específicos: apresentar o conceito de autenticidade segundo a literatura de referência e discutir sobre o conceito de autenticidade no contexto apresentado pelos personagens.

Para responder a esta questão foi utilizado uma pesquisa qualitativa, no formato de análise fílmica de “*Cisne Negro*” (2010), com a personagem Nina Sayers (Natalie Portman) que se vê diante de uma oportunidade de alavancar sua importante carreira, a apresentação do lago dos cisnes. Para isso tem que representar tanto o Cisne Branco quanto o Cisne Negro, o que encontra dificuldades e começa a questionar sua vida, seu modo de dançar, de expressar quem ela realmente é. Através da perspectiva de encontro da personagem em sua busca por autonomia, autoconhecimento e diante do desafio de ser verdadeira com o que sente, realizamos uma discussão com o método de observação descritiva e estruturada na forma de análise fílmica, cuja metodologia se baseou na análise descritiva.

2 PSICOLOGIA HUMANISTA E ACP

2.1 Conceitualizações da Abordagem Centrada na Pessoa: Um entendimento inicial

Faz-se importante uma discussão da perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) em psicologia sobre seus conceitos gerais e seu pensamento para um melhor entendimento. Para iniciar, a abordagem já teve várias nomenclaturas mas considera-se o termo “abordagem centrada na pessoa” como seu próprio idealizador Carl Rogers afirmou:

Sorrio quando penso nos diversos rótulos que dei a esse tema no decorrer de minha carreira – aconselhamento não-diretivo, terapia centrada no cliente, ensino centrado no aluno, liderança centrada no grupo. Como os campos de aplicação cresceram em número e variedade, o rótulo “abordagem centrada na pessoa” parece ser o mais adequado (ROGERS, 2020, p. 38).

Ainda completa falando sobre a perspectiva central de toda a teoria:

A hipótese central dessa abordagem pode ser colocada em poucas palavras...Os indivíduos possuem dentro de si vários recursos para a autocompreensão e para a modificação de seus autoconceitos, de suas atitudes e de seu comportamento autônomo. Esses recursos podem ser ativados se houver um clima, passível de definição, de atitudes psicológicas facilitadoras (ROGERS, 2020, p. 38).

Conforme a citação anterior, num processo psicoterápico, há a necessidade do terapeuta para se criar um clima propício de crescimento de atitudes psicológicas facilitadoras, que se aplicam a quaisquer grupos e relações (ROGERS 2020). São elas, a empatia, autenticidade e apreço positivo incondicional: A empatia é a percepção correta do ponto de referência de outra pessoa “como se” fosse a pessoa, mas nunca esquecendo o “como se” (ROGERS; KINGET, 1977); a autenticidade é uma disponibilidade para sentir abertamente o que se está vivenciando e expressar caso seja conveniente dentro da relação terapêutica; e o apreço positivo incondicional quando o terapeuta busca aceitar a pessoa, ao que quer que seja ou queira expressar, sem nenhum julgamento (ROGERS, 2020).

Este clima terapêutico buscado através das condições facilitadoras tem o objetivo de criar condições para o cliente ou a pessoa transformar a si mesmo. Carl Rogers (2020) afirmou que as pessoas quando são aceitas e consideradas sem restrições, tendem a desenvolver uma atitude de maior consideração a si mesmas; quando são ouvidas verdadeiramente acabam por também se ouvirem melhor e à medida que se compreendem, tornam-se mais congruentes com suas próprias experiências.

Para ser congruente é preciso estar em contato com sua experiência, que pode ser definido como tudo que se passa no organismo e está potencialmente disponível à consciência, sendo, portanto, tudo o que se pode perceber daquilo que foi vivenciado (ROGERS; KITGNET, 1977). O organismo é um sistema total do indivíduo, lugar das suas experiências, sensações e emoções que interage com o ambiente, reagindo a partir do que é percebido como um impulso básico para manter-se, ampliar e aperfeiçoar (ROGERS, 1992).

A partir do olhar da experiência insurge a ação de vivenciá-la, onde se localiza o conceito de experiencição que de acordo com Carl Rogers (1977) afirma que o conceito enriqueceu a teoria de várias maneiras, e Miguel de La Puente (1978, p.73) o define como: termo ou um processo categorial usado para distinguir não

conteúdos (ou segmentos estáticos e conceitualizados de processo), mas sim diferentes modos ou dimensões de processo.

O impulso direcional mencionado é atribuído por Carl Rogers como “pedra fundamental” da ACP a partir de duas tendências, que são a tendência atualizante e a tendência formativa (ROGERS, 2020). A tendência atualizante é uma tendência direcional inerente do organismo de desenvolver as suas potencialidades para um crescimento, um caminho positivo e construtivo (ROGERS; KITGNET, 1977); já a tendência formativa é uma tendência da vida orgânica, uma tendência de se tornar complexo enquanto organismo que se diferencia da “entropia”, que é a tendência a degradação da existência pela ação do tempo.

Jerold Bozarth elenca sete itens para demonstrar sua base lógica terapêutica e interpessoal da ACP assentado na tendência atualizante (BOZARTH, 2001): 1. É a motivação mais básica das pessoas; 2. É levada a diferenciação, complexidade para um desenvolvimento, crescimento pelas suas potencialidades; 3. A tendência atualizante e seus efeitos podem ser diminuídos, atrofiados em ambientes inadequados ou desfavoráveis; 4. São estas distorções que cria-se a necessidade, a urgência de terapia; 5. A abordagem tem como objetivo criar um clima terapêutico através das atitudes facilitadoras; 6. A relação das condições facilitadoras leva a uma natural tendência atualizante de modo a suprimir, diminuir ou passar pelas situações que foram ocasionadas pelos ambientes desfavoráveis; 7. Como resultado, a pessoa e seu comportamento torna-se construtivo para seu desenvolvimento e entende que qualquer indivíduo pode criar um clima que estimule.

2.2 Breves apontamentos históricos

Para adentrar na fundamentação propriamente dita é justo criar um contexto para demonstrar como a psicologia humanista surgiu para compreendermos o local histórico que ela faz parte e assim ter uma ideia mais própria e assertiva do que se dizia. Amatuzzi (2001) comenta que o Humanismo foi um movimento cultural, europeu, ligado ao período renascentista, e o termo acabou se generalizando com o tempo, se relacionando com qualquer tipo de filosofia que coloque o ser humano no centro de suas inquietações, ou outros tipos de movimentos, como o próprio movimento da psicologia humanista. O início da Psicologia Humanista foi, de fato, no contexto americano após a Segunda Guerra Mundial, questionando a imagem de “homem” do Behaviorismo e da Psicanálise.

Diante desses contextos contribuíram para a criação do conceito da Psicologia Humanista, juntamente com a Declaração dos Direitos Humanos em 1948, e a Organização das Nações Unidas – ONU, recém-saído da Segunda Guerra Mundial (1945). Se orienta a partir da ideia que o ser humano tem a capacidade de superar qualquer determinação pré-estabelecida, sendo responsável pelos seus atos (BUYS, 2013).

Em 1961 surgiu a Revista de Psicologia Humanista em 1963 a Associação Americana de Psicologia Humanista culminou e firmou no movimento humanista em 1964, com o encontro em Old Saybrook, promovido, idealizado e produzido por Abraham Maslow e Anthony Sutich, com a participação dos psicólogos Kurt Goldstein, Rollo May, Carl Rogers, dentre outros (CAMPOS, 2006). Vale salientar que eles também já estavam com o mesmo ideal da criação de um lugar comum, de criar um movimento que aguardava apenas sua organização, pois os autores mencionados e outros já trabalhavam academicamente na fomentação teórica e vivencial da Psicologia Humanista.

Temporalmente enquanto marco teórico, em 1957 Carl Rogers escreveu o artigo “*The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change*” no “*Journal fo Consulting Psychology*”, onde com clareza descreveu os princípios fundamentais da Abordagem Centrada na Pessoa e sua suficiência em relação a mudança de personalidade dentro de um processo terapêutico com o escopo na qualidade das relações terapeuta/cliente (ALMEIDA, 2009).

Existia um pensamento inerente à época, uma preocupação em relação a como as pessoas estavam sendo percebidas na vida social e se esse cenário reduzia sua condição humana a um lugar de não liberdade em relação a escolhas pessoais (CAMPOS, 2006) e que almejava o encontro de um clima e cenário mais livre de direitos e deveres de cidadão.

Assim, a preocupação de como se vivia no âmbito social, era espelho dos movimentos políticos e sociais como o movimento de contracultura, que pode ser entendido como um conjunto de movimentos de rebelião da juventude que marcaram os anos 60, mais conhecido como o movimento hippie e a música rock (um fenômeno datado historicamente) que se embasaram num ideal de enfrentamento da ordem vigente (PEREIRA, 1986) e que se opunha radicalmente ao nacionalismo e patriotismo, além de um cenário de guerras e revoluções como a Guerra do Vietnã, Guerra Fria, Revolução Cubana, Golpe Militar, ocorridos entre a década de 60 a 80.

Nesta nova atmosfera, para a psicologia, a pessoa era “essencialmente livre e intencional, devendo ser entendido primordialmente pela sua dimensão consciente e, sobretudo, pela vivência de suas experiências presentes” (CAMPOS, 2006, p. 252).

A Psicologia Humanista de Rogers é recebida no Brasil e é apropriada por psicólogos nacionais onde uma possível argumentação é a identificação de análise das obras traduzidas para o português brasileiro (BRANCO, 2015).

A primeira visita de Carl Rogers ao Brasil em 1977 ocorreu na Aldeia de Arcozelo, em Paty dos Alferes, serra Fluminense, contando com uma participação significativa de centenas de pessoas. Neste encontro, em plena ditadura já existia uma pressão para uma volta democrática e a chegada de Rogers também foi motivada através deste intuito, sendo acompanhado pela polícia pelo fato da teoria humanista estar articulada ao movimento de contracultura americana. Arcozelo foi um espaço que permitiu futuramente juntar outros teóricos humanistas com a finalidade de consolidar uma comunidade com ideais humanistas (BANDEIRA, 2012).

O primeiro momento de recepção das ideias de Rogers no Brasil foi caracterizado pela busca por alguns psicólogos brasileiros para fazerem cursos e pós-graduações por Rogers, nos EUA e em outros países, onde no retorno foram instituídas disciplinas que constituíam o início do ensino da ACP no Brasil (BRANCO, 2015).

Conhecendo brevemente a história da teoria é possível enriquecer o entendimento de seu lugar teórico e social através de alguns atravessamentos geracionais que fomentaram o ambiente estabelecido hoje da psicologia humanista, sua visão de mundo e constituição de saber histórico, teórico e geracional. Os marcos temporais não pararam por aí, mas estes foram suficientes para o aprofundamento vívido da teoria humanista e da ACP.

Assim, a abordagem rogeriana concebe-se neste lugar de invenção de uma nova psicologia e assume seu papel como agente construtor, que Carl Rogers e diversos colaboradores foram agentes de transformação a partir do ideal humanista, compreendendo que a relação de terapeuta/cliente, apesar de estruturar todo o foco inicial da abordagem se organiza também para além dela, afirmando que “...a compreensão de que aquilo que vale numa relação entre terapeuta e cliente vale também para um casamento, uma família, uma escola, uma administração entre culturas e países...” (ROGERS, 2020, p. X).

3 FUNDAMENTAÇÃO DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

3.1 As condições facilitadoras, sua indissociabilidade e alguns desdobramentos

A abordagem rogeriana contém atitudes facilitadoras que mobilizam o processo terapêutico tais como: “empatia”, “congruência (autenticidade, genuinidade)” e “apeço positivo incondicional”, mencionadas de forma mais explícita e minuciosa no artigo que elenca seis condições necessárias e suficientes para uma mudança terapêutica de personalidade (ALMEIDA, 2009).

Em resumo da aplicação dos fundamentos teóricos básicos:

É quando terapeuta apresenta as qualidades atitudinais de congruência, olhar incondicionalmente positivo e compreensão empática, numa relação com o cliente, de uma tal maneira que o ponto de controle pertence ao cliente, e este se percebe/experiência estas qualidades, que o processo atualizante do cliente, sem ser submetido a qualquer obstrução por parte do terapeuta, flui certamente em direção a um crescimento positivo (BOZARTH, 2001, p. 65).

Cria-se um lugar de instabilidade por não ser colocado de forma contundente a indissociabilidade das atitudes facilitadoras no ensino durante o percurso acadêmico na graduação, seja pela falta de tempo para aprofundar em determinadas abordagens, pela falta de acesso à leitura especializada ou pela falta de tradução de livros (BRANCO, 2015). Visualizando apenas como separadas e surgindo questões da prática psicoterápica de como ser empático ou autêntico ou de uma postura de não julgamento, ocorre um deslocamento da teoria que não cabe ser pensada através de um modo individual, seja pela proposta da abordagem ser uma teoria organísmica e também por nenhum conceito ser isolado dos outros.

Assim, enquanto didática e aperfeiçoamento do entendimento das condições facilitadoras faz-se necessário elucidar como ocorre a convergência destas em uma rápida definição. A autenticidade é o estado preparatório que o terapeuta se sente disposto a experienciar melhor o quadro de referência do cliente por meio da compreensão empática do seu quadro interno de referências, mas ao contrário das outras duas atitudes facilitadoras não é encarada como uma atitude diretamente relacionada ao cliente e sim ao terapeuta; a empatia é o veículo que comunica ao cliente o apeço positivo incondicional, sendo a compreensão do quadro de referências do cliente como atividade do terapeuta através do qual o mundo do cliente é percebido tal como o mesmo experienciar em determinado momento; o apeço positivo incondicional é entendido como um acolhimento e via de acesso, se revela como o principal agente para a mudança terapêutica onde são satisfeitas as

necessidades do cliente quanto ao olhar positivo e à auto-estima positiva, o que resulta em congruência entre sua experiência e a imagem de si próprio (BOZARTH, 2001).

Para a necessidade de práticas de liberdade, que surge pela possibilidade da pessoa ser aquilo que é como uma “noção de pessoa em pleno funcionamento, aberta à experiência, com liberdade psicológica para se promover em qualquer direção” (ROGERS, 1995, p. 213), seriam as práticas para se criar um clima terapêutico, como as condições facilitadoras. Rogers atribui a esta relação a ideia de que podemos ser quem somos para atingir tal constructo terapêutico, e Bozarth (2001) complementa falando que se a pessoa pode ser confirmada o que é no determinado momento, já seria o suficiente.

Neste ensejo é preciso dizer que o entendimento da ACP muitas vezes é utilizado através de uma compreensão embasada no entendimento de outras perspectivas teóricas, dentro da teoria humanista:

se tornam exemplos desta incapacidade de compreender a posição de Rogers, quando consideram as qualidades atitudinais como sendo preparatórias para as “intervenções” do terapeuta...O principal ponto revolucionário na teoria rogeriana é o fato do terapeuta não intervir e não ter a intenção de intervir (BOZARTH, 2001, p. 4).

Portanto, vale salientar a ideia que o psicoterapeuta e o especialista sobre o tratamento, o preconizador habilidoso da mudança de comportamento do cliente não tem lugar na teoria. Partindo do entendimento explicitado, a intervenção descrita por Jerold Bozarth não se refere a uma compreensão de não-postura ou passividade, mas de uma intenção de legitimar o processo terapêutico do cliente como sendo uma verdadeira autoridade sobre sua experiência (BOZARTH, 2001).

Nesse cenário vale pontuar que não ser diretivo em relação ao processo terapêutico estaria relacionada no sentido de não direcionar pelos seus ideais de referência, e sim os que se apresentam pelo outro ao longo de sua travessia que se postula a ser acompanhada; essa relação é gerida por um clima terapêutico vivenciado de modo complexo, disposto e atento às necessidades que se firmam diante das intempéries pré-estabelecidas como norteadoras da pessoa que se apresenta, pelo que apresenta enquanto conteúdo, discurso, mas também local, contexto e principalmente naquilo que ainda há de se criar vínculo para surgir o não-dito.

Aprofundando ainda mais na perspectiva do paradigma revolucionário apresentado por Jerold Bozarth de não intervir a partir do referencial do terapeuta por

ser de inteireza completude diante da teoria de Rogers, podemos relatar (ROGERS, 2020): “não faço isso. Não tento controlar o pôr do sol. Olho com admiração a sua evolução” (ROGERS, 2020, pg. 14). Como acompanhar um processo terapêutico sem tentar “controlar”? Vai-se gerar frustração, sofrimento para a manutenção deste processo que será vivenciado, o pathos (dor) de ser empático (ROGERS, 1977, p. 44), portanto, seria bastante enganoso afirmar que o organismo age tranquilamente na direção do auto-aperfeiçoamento. O organismo move-se, em meio a lutas e dores, na direção do aperfeiçoamento e do crescimento”. E este organismo não é apenas o do cliente, mas na direção atualizante relacional terapeuta-cliente.

Bozarth (2001) afirma que as condições facilitadoras sem a ideia de que as pessoas são agentes de sua própria mudança, o que é considerado como o “paradigma revolucionário da ACP”, pois o terapeuta precisa estar aberto e disponível para auxiliar o seu processo, não dispondo de recursos para uma mudança na perspectiva terapêutica de positivo, gregário para si, ou seja, a ideia de que as pessoas são agentes da própria mudança é tão importante quanto as condições facilitadoras. Isso acontece quando há uma implicação de uma norma ou um referencial interno do terapeuta conduzindo e sendo maior do que o do paciente, dificultando seu processo e elaboração do quadro de referência do cliente.

Maria Bowen, em contraponto da não necessidade de intervir idealizando como uma confiança necessária na pessoa que se apresenta, afirmando que há objetivos específicos, metas, expectativas a realizar em que a pessoa busca alcançar para ser digno, o que não é possível se é taxado como preguiçoso e destrutivo, incapacitando a autonomia da própria pessoa em fazer escolhas apropriadas para si, sendo a confiança, este lugar capaz de validar e responsabilizar o suficiente o paciente de suas próprias ações concomitantemente e imbricadas com as condições facilitadoras (BOWEN, 1987). Resumindo, a confiança no cliente é necessária para a evolução do processo terapêutico.

Essa mesma autora afirma que a partir das atitudes facilitadoras e sua vivência enquanto terapeuta consegue categorizar o momento de mudança de personalidade a partir de quatro necessidades, sendo primeiro: algo que acontece neste exato momento experiencial; segundo: não tendo barreiras para sentir o que se está a acontecer no exato momento; terceiro: já ter sido vivenciado a experiência, mas nunca completamente como neste momento; quatro: tem a qualidade de ser aceita pelo quadro de referência do cliente (BOWEN, 1987).

Essas qualidades definem o momento da mudança de personalidade onde o processo terapêutico seria um aglomerado de vários destes momentos (BOWEN, 1987). Aproximando-se do tema autenticidade, Maria Bowen delimita que “criam tantos ruídos em nossas cabeças que fica difícil encontrar bastante silêncio para que possamos ouvir-nos com compreensão” (BOWEN, 1987, p. 61), sendo uma grande falta de espaço e silêncio para vivenciar alegria, tristeza, dor e felicidade, seja enquanto terapeuta ou cliente.

O cliente se defende com mais “barulho” violentando a ordem pessoal de modo arbitrário, ameaçando sua estabilidade, desequilibrando suas referências em uma luta interna entre uma imagem de si e outra que se apresenta, seja pela quantidade de experiências ou pela falta de vivenciar a que se apresenta no momento como visceralidade ainda não reconhecida pela pessoa que a sente, não sabendo se é possível assim sustentar um lugar novo (JUSTO, 2001).

John Wood (2010, p. 281) fala em uma síntese que o mais importante para a abordagem é que Rogers dizia ‘sim’ ao “crescimento pessoal, à verdadeira aprendizagem, ao comportamento construtivo, aos relacionamentos nutritivos, ao pensamento honesto, à vida”. Este ‘sim’ deveria ser levado da mesma forma como John Wood levou por anos, sendo o sentimento primeiro de toda a abordagem.

3.2 Autenticidade

A autenticidade para a ACP se refere também por congruência, genuinidade, transparência e veracidade, sendo uma relação entre a experiência de um determinado momento e como a pessoa percebe no seu organismo, seja na relação cliente-terapeuta ou “a qualquer situação na qual o objetivo seja o desenvolvimento da pessoa” (ROGERS, 2020, p. 38), entendido pelo autor Jerold Bozarth (2001) como mais um desenvolvimento centrado no terapeuta em não negar suas experiências orgânicas. Então para ser autêntico não é necessário a comunicação necessariamente, mas a transparência de suas ações, em como se percebe com o que está sendo posto na relação em que está sendo observada ou discutida:

O termo “transparente” expressa bem a essência desta condição: o terapeuta ou a terapeuta se faz transparente para o cliente. O cliente pode ver claramente o que o terapeuta é na relação: o cliente não se defronta com qualquer resistência por parte do terapeuta, do mesmo modo que para o terapeuta, o que o cliente ou a cliente vive pode ser tornar consciente, pode ser vivido na relação e pode ser comunicado se for conveniente (ROGERS, 2020, p. 38-39).

Em contraponto, não se é exigido na atitude facilitadora da autenticidade a comunicação nos últimos trabalhos de Carl Rogers; quando é falado sobre a possibilidade de comunicar caso seja conveniente, possível, afirmava que ser autêntico também implica o desejo de ser e de exprimir, por palavras seu comportamento, sentimentos que o constituem; acrescenta também que apenas com a perspectiva de expressar-se que a relação pode ter realidade (ROGERS, 1954). Sabendo que a comunicação é fundamental em qualquer nível relacional e que pode se orientar de forma verbal e não-verbal, indagamos: mas que realidade é esta? A expressão é entendida como conveniente? Diz também sobre o desejo de exprimir o que se sente. Cabe um aprofundamento sobre a perspectiva de expressão para um melhor entendimento sobre como se constitui a autenticidade, como pode ser comunicada e no desejo de transmitir para não ser confundido com intenção “A intenção do terapeuta de levar os clientes à experienciação viola a teoria rogeriana, por não manter o grau elevado da autoridade sobre si próprios...” (BOZARTH, 2001, p. 125).

Ainda sobre exprimir o que sente, Germain Lietaer (apud BOZARTH, 2001, p. 129) contribui afirmando que a aceitação de si corresponde a: “Quanto mais eu me aceito a mim próprio e sou capaz de estar presente e à vontade com tudo o que dentro de mim se agita, sem receio ou atitudes defensivas, tanto mais consigo estar receptivo a tudo o que vive dentro de meu cliente”.

Importante a afirmação de que o conceito de congruência não legitima aos psicoterapeutas autorização para levar o seu próprio quadro de referências no mundo do cliente, mas reagir de forma empática ao quadro de referências do cliente em consonância com o seu próprio. O que pode ser simples a partir de um vínculo muito bem estabelecido onde a autenticidade flui para o terapeuta, ou complexa onde se torna uma preparação, uma tentativa de reagir ao quadro de referências do cliente para o mesmo se tornar mais receptivo a si (BOZARTH, 2001). Corroborando com a autorização de falar o/como que bem entender para ser autêntico:

Não identifico congruência com lançar para fora o que está na mente ou no coração do terapeuta. Algumas vezes, o tipo de auto-revelação serve mais às necessidades do terapeuta do que às do cliente, e pode interferir no processo do cliente. Pelo mesmo símbolo, o terapeuta poderá escolher não revelar seus pensamentos e sentimentos, e ainda assim ser congruente. Para mim, a essência da congruência é enfrentar a “coisa como ela é”, nossas projeções e distorções. Só então o terapeuta torna-se capaz de diferenciar a intuição e a orientação do EU interior, do que está sendo projetado através de sentimentos e necessidades não válidas (BOWEN, 1987, p.64-65).

A necessidade de expressar-se para ser autêntico criando uma realidade, nos recai na reflexão de ter a capacidade de tal habilidade com o teórico John Wood (2008) para a transmissão do que se sente, requisitando não apenas honestidade consigo mesmo, mas autoconhecimento do que sente, afirmando categoricamente sobre a necessidade de "...uma habilidade suficientemente refinada para transmitir aos outros sentimentos complexos e muitas vezes contraditórios que constituem o que chamamos de 'experiência' ou 'realidade'" (WOOD, 2008, p. 214). Para expressar a autenticidade surge a questão de ser hábil, o que pode ser confundido com espontaneidade, ser sincero ou o pensamento de comunicar livremente o que se está sentindo, "Espontaneidade, simplificada, é uma reação semelhante ao reflexo patelar" (WOOD, 2008, p. 211-212).

Então para aprender a atitude facilitadora que buscamos é antes de tudo uma partida inicial do terapeuta ou da pessoa que se encontra disposta a estar junto ao desenvolvimento de outro. Esse entendimento, essa habilidade, se adquire no enfrentamento com o que se sente com aceitação, para diferenciar "o que é" do que é criado, tornando-se cada vez mais claro e distante os pólos daquilo que sentimentos e do que surgiu no imaginário que foi criado (BOWEN, 1987).

4 METODOLOGIA

A pesquisa para este artigo foi elaborada com base em material de referência da ACP por se tratar de um conceito teórico. Assim há nomenclaturas para se referir ao mesmo conceito, sendo elas, congruência, transparência e genuinidade, inviabilizando a pesquisa através de artigos mais recentes, pois cada termo apresenta um entendimento diferente para autores atuais, o que pode confundir e distanciar do que foi apresentado por Carl Rogers.

O presente estudo foi delineado mediante a metodologia de análise fílmica, pois esse método é utilizado com frequência no âmbito das ciências humanas e sociais, levando à discussão de temas com escopo social, político, cultural ou educacional (PENAFRIA, 2009), podendo ser definida como uma estratégia para investigar e repensar a realidade por se tratar de uma observação indireta e não participante (SALGUEIRO, *et al.*, 2014), refletindo através de imagens, emoções, metáforas, formas de ver uma situação, podendo propor até um novo entendimento de determinado assunto (FREITAS; LEITE, 2015).

Os filmes são assim uma ferramenta importante para a construção de uma reflexão e “(...) tem se despontado como uma importante oportunidade para estimular a reflexão e repensar a realidade, pois fornece os elementos necessários ao pensar filosófico” (BERTOLIM; BRITO, 2007, p.7). Diante desse cenário, podemos discutir sobre como a protagonista do filme em questão, “Nina”, recorre internamente a seu entendimento de existência para se expressar com seu corpo, com uma consciência que tem de quem ela é, e assim podendo questionar a existência, seja nas relações pessoais ou no trabalho, assim como ocorre com a própria personagem. Sendo a análise fílmica uma possibilidade de quem lê avaliar a si mesmo através dos personagens.

Na composição da análise fílmica, “o objetivo da Análise é, então, o de explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação.” (PENAFRIA, 2009, p.1). Para a existência da possibilidade de interpretação torna-se importante, na construção de uma análise fílmica de “Cisne Negro”, um entendimento amplo sobre o que está ocorrendo. Então, a partir da compreensão do conceito de autenticidade da Abordagem Centrada na Pessoa que atravessa a personagem “Nina”, faz-se necessário a escolha de uma pesquisa qualitativa:

A abordagem qualitativa trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Ela aprofunda a complexidade de fenômenos, fatos e processos; passa pelo observável e vai além dele ao estabelecer inferências e atribuir significados ao comportamento. (SILVA, 2010, P.5)

Assim o aprimoramento das práticas da análise descritiva de itens cinematográficos, fez-se necessário uma via de análise descritiva para dar conta do conteúdo como diria Brascher e Café (2008, p. 5):

A organização da informação é, portanto, um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O produto desse processo descritivo é a representação da informação, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico.

A narrativa apresentada, seja através do tema, da estética, do diálogo e a partir da interpretação pessoal, permite um diálogo com o embasamento teórico da Abordagem Centrada na Pessoa, por considerar o filme como um discurso narrativo que pode ser analisado através do tema e da decomposição em etapas como: apontar o filme em análise, tema em formato de narrativa, sinopse e seleção que será investigado, interpretado e descrito (PENAFRIA, 2009).

O filme “Cisne Negro” foi lançado em 2010 pelo diretor Darren Aronofsky, roteiristas Mark Heyman e John J. Mclaughlin, classificação etária para maiores de 16 anos, com um tempo total de 108 (cento e oito) minutos, tendo como elenco principal Nina Sayers (Natalie Portman), Lily (Mila Kunis), Thomas Leroy (Vincent Cassel), Erica (Barbara Hershey) e Beth Macintyre (Winona Ryder), possuindo o gênero de terror psicológico, suspense e drama com personagem principal “Nina” (Natalie Portman).

O filme narra a história de uma jovem que faz parte de uma importante companhia de balé clássico dos Estados Unidos. Logo surge interesse de fazer parte da apresentação de “O Lago dos Cisnes”, do compositor russo Tchaikovsky; Nina é vista como uma possível escolha como bailarina onde seu empenho se torna o foco, necessitando de uma interpretação tanto do Cisne Branco (inocente, prudente), como o Cisne Negro (sedutor, imprudente). O obstáculo inicial para sua escalação é “Lily” (Mila Kunis), concorrente para a vaga, o que acaba por acarretar em uma competição onde “Nina” começa a questionar sua forma de dançar, interesses e a própria realidade em dissonância com o papel na apresentação.

“Nina” é uma mulher de 28 anos que reside com a mãe, onde essa criou expectativas da vida da filha, sendo controladora, manipuladora, retirando a privacidade e liberdade através de sua autoridade para ser uma bailarina bem-sucedida. A protagonista é exigente consigo mesma, ponderada, determinada e passiva diante das necessidades que apresentam na profissão e na relação com sua mãe; ela busca ser perfeita enquanto bailarina e em sua vida que é confundida com sua profissão; Nina não tem amigos, hobby ou outros interesses que não os de ser uma bailarina perfeita.

Assim, durante o filme “Cisne Negro” foram observadas as falas e escolhas que a personagem “Nina” realiza com os personagens ao seu redor, e a forma como implicaram em sua trajetória mediante o tema da autenticidade. Vale salientar que o tema “autenticidade” não é abordado como foco central, mas observado, e, portanto, irá ser utilizado como recorte para o embasamento dos acontecimentos narrativos. As falas escolhidas para serem observadas são as que contemplam uma falta de autenticidade, que abordam um processo de busca da autenticidade ou divergências de como a personagem “Nina” gostaria de ser, e que serão analisadas pelo olhar do pesquisador.

5 ANÁLISE DO FILME CISNE NEGRO

Nina Sayers (Natalie Portman), é atravessada por apresentar uma trama complexa em suas relações, cabendo uma análise psicológica que será feita a partir do embasamento teórico da Abordagem Centrada na Pessoa num contexto em que a protagonista teve sua autenticidade suprimida pela sua mãe, Erica (Barbara Hershey). A genitora ao engravidar de Nina abandonou sua carreira de bailarina que tinha ampla dedicação, colocando suas expectativas para a filha ser bem-sucedida, já que ela não conseguiu, buscando a perfeição e longe de qualquer possibilidade de erros em sua profissão. Nina é uma pessoa com seu pensamento voltado ao trabalho e sem convívio de amigos para compartilhar sua vida.

Na díade da relação mãe e filha verifica-se uma impossibilidade de um ser autêntico, de expressar-se. Diante disso salientamos que Rogers considerava os sentimentos, a consciência e a expressão dos sentimentos como a essência da autenticidade, representando sua realidade para que a pessoa procure a sua própria (BOZARTH, 2001).

O pai da protagonista não é citado no filme, fazendo com que a trama familiar seja focada na sua relação com a mãe. É perceptível ver ainda a falta de autonomia e espontaneidade de Nina quando ela entra em um quadro de filmagem e se utiliza de cores claras como rosa, azul claro e branco, mostrando pureza e ingenuidade em suas roupas e utensílios, ou mesmo no seu quarto com ursos de pelúcia, no contraponto de sombras e fundos pretos durante suas aparições, levando uma ideia de dualidade. Portanto, observa-se um possível desalinhamento entre a experiência orgânica e como a personagem percebe isso (BOZARTH, 2001). Sua mãe a penteia, corta seu cabelo, corta suas unhas, tendo sua vida guiada pela genitora. A protagonista sempre está sorrindo, leve e focada, de forma contínua e sem alterações em suas perspectivas, sem mudanças de como visualiza o mundo.

Nos primeiros minutos do filme Nina sonha com a apresentação do “lago dos cisnes” onde sua mãe promete à filha um lugar de mais destaque na companhia de balé que faz parte. A caminho de seu trabalho no metrô visualiza a personagem Lily (Mila Kunis), que diferente dela se veste de preto, ouvindo música, de forma leve e despreocupada. Sozinha, observa no vestiário uma conversa em que bailarinas falam sobre como as pessoas não assistem mais Beth Macintyre (Winona Ryder) se apresentar, uma bailarina famosa. Diante disso a companhia precisaria de alguém novo, de destaque; logo, enquanto a câmera está em Nina observando a conversa,

ela percebe como se estivesse acontecendo ali sua oportunidade de ser uma nova Beth.

Em seu treinamento a instrutora fala para Nina “linda como sempre, Nina. Relaxe.”, e essa passa a ser uma mensagem do filme para abordar a rigidez que a personagem principal se encontra, pois sua preocupação aparece em uma primeira vez de forma inicial; sua própria instrutora evidencia sua falta de tranquilidade, sua preocupação em estar fazendo de forma ideal os movimentos. Logo após aparece no filme Thomas Leroy (Vicent Cassel) que fala sobre uma apresentação sobre o lago dos cisnes, como Nina havia sonhado, mas desta vez Thomas afirma que “Vamos despi-lo, torná-lo visceral e real. Um rosto novo para apresentar ao mundo”. Neste momento ela pode ter simbolizado e levado à consciência a pressão de ser talvez esse novo rosto pela tensão no ambiente (BRANCO, 2016).

Para o pensamento rogeriano cada pessoa desenvolve uma imagem de si, que pode ou não corresponder à sua realidade, mas essa divergência entre a realidade e a imagem pode produzir rupturas no seu próprio entendimento. Assim, a imagem que a protagonista se encontra pode ser visceral, real, se despiendo de sua rigidez sem se desintegrar nesse processo? Rudio (2003) afirma que a congruência é uma harmonia entre organismo e a imagem de si. Então a realidade da forma como Nina entende começa a entrar em instabilidade na imagem que tem de si.

Em seu teste para o papel Thomas afirma "Se fosse só o cisne branco seria você, mas não"; diante disso ele resolve pedir para ela representar naquele momento o papel de cisne negro e diz "não tão controlada. Seduza-nos". Logo depois enquanto Nina faz giros, Thomas grita “ataque, ataque!” trazendo uma sensação de tontura para quem assiste pela rapidez, como uma exigência daquilo que ela nunca foi. Diante disso, percebemos a protagonista atordoada e Thomas fica com um semblante de decepção. Logo em seguida Lily entra e ele muda o olhar para ela, fazendo Nina se desequilibrar, e a protagonista pergunta e ele diz "Não, obrigado, já vi o bastante." Aqui se inicia a competição entre Nina e Lily pelo papel e a primeira divergência de Nina da realidade quando vê o rosto de Lily em uma outra pessoa enquanto volta para casa. Rogers entende que o organismo pode auto-modificar-se (BRANCO, 2016), gerando assim imagens que diferem da realidade por se defender da possibilidade de Nina não ficar com o papel.

O olhar da possibilidade de não ficar com a vaga, de ser questionada quanto a sua capacidade que o diretor exige, faz com que Nina, sob influência dessa

pressão e de suas próprias defesas (sua rigidez, falta de espontaneidade) ser atormentada por visões de Lily, não suportando a ideia de não ser o ícone como bailarina. Rogers afirma que o organismo tem a capacidade de entrar em um equilíbrio homeostático (BRANCO, 2016) e Nina mesmo buscando o papel ainda se encontra nesse estado que já conhecia, sem demonstração de raiva, apenas o mesmo semblante doce, não sendo assim congruente diante do desafio de uma mudança.

Nina rouba o batom da Beth, simbolizando como se agora fosse a vez dela e que teria que tomar esse lugar sendo outra pessoa. Dessa forma a protagonista passa o batom, deixa o cabelo solto e pede para falar com Thomas que afirma que já deu o papel para Veronica (Ksenia Solo); diante disso ela age como se fosse sair da sala e ele diz “Não vai tentar me convencer? Deve ter pensado nisso senão o que faria aqui toda produzida?” Após essa cena ocorre um diálogo sobre Nina “não se deixar levar”, ser espontânea, sobre sua rigidez, preocupação, e de querer sempre movimentos perfeitos; então ela afirma “Só quero ser perfeita”, o que evidencia o lugar que ela ocupa, da falta da possibilidade de desajustes diante do que se coloca a fazer. Essa falta de espaço do erro ocupa todo o seu corpo impossibilitando outros espaços que podem surgir.

Após Thomas dizer que poucas pessoas conseguem “se deixar levar” e surpreender a si mesmo, ele toma um beijo forçado de Nina, que o morde nos lábios como uma recusa de seu abuso, gerando irritação a ele, resultando num pedido de desculpas por parte dela. Aqui as desculpas podem gerar o entendimento de querer ser perfeita e desagradar o diretor da peça como uma falta de perfeição, um lugar, uma sensação que não gostaria de ter vivenciado. Em determinada cena quando Nina visualiza o quadro com os nomes de quem teria passado para representar os papéis de cada um, ela se surpreende pois teria sido escolhida para ser rainha dos cisnes. Thomas agora se enquadra como mais uma pessoa manipuladora, além de sua mãe.

Chegando em casa, sua mãe a recebe com um bolo por ter conseguido o papel e Nina não aceita. Após insistência e a ameaça de jogar no lixo da sua mãe, ela novamente pede desculpas e Erica coloca na boca de Nina uma parte do bolo com seu dedo sendo observado novamente a dificuldade da protagonista de se colocar diante das outras pessoas o que sente, negando a si como forma de atingir um modo eficaz de não ter atrito, sendo validado como um modo de agir. Erica diz “Estou tão orgulhosa de você”. Dessa forma (RUDIO, 2003) vive sentimentos que não a pertence,

distorcendo, aceitando como se tivesse um outro desejo, negando os seus próprios e esquecendo a si mesmo como referencial de sua vida.

A manipulação de sua mãe para Nina ser aquilo que ela não foi como bailarina, juntamente com a manipulação de Thomas para ela se transformar em outra pessoa e a usá-la como fez com Beth, são ferramentas que instituíram nela um constructo forte de não valorização de si mesma e divergente por sua mãe a querer manter inocente e Thomas a querer como sedutora e espontânea. Então a alternância entre cisne branco e negro não acontece só no seu trabalho como bailarina, mas em sua vida pessoal, mas afinal onde Nina se encontra? Quem é Nina no entrelace entre as exigências que a tomam conta? Onde está realmente a sua autenticidade? Estaria em suas descobertas de prazer, de tentar ser outra pessoa? O filme não deixa claro e nos deixa o questionamento também de quem é Nina.

Nesse tatear de ser o que não se é, ser outra pessoa para agradar alguém ou uma situação, de evitar uma rusga para conseguir algo, acaba cristalizando a forma de existir como aquilo que acredita ser o ideal e o organismo tende se colocar como ameaçado e a se defender de qualquer oposição a essa figura ideal, adoecendo a pessoa que se encontra nesse estado. Essa oposição pode ser entendida como uma falta de congruência ou incongruência, uma divergência entre a noção do que se é e aquilo que se quer (ROGERS, 1977), podendo falsificar a experiência para preservar esta noção. Como a personagem Nina afirma “Eu só quero ser perfeita”.

Neste plano existe uma compensação para sair desse lugar, por não experienciar o que se vive, que é a tendência atualizante, agindo como uma insistência para uma liberdade maior do que se é no momento, se complexificar de forma positiva, mas essa insistência também aparece como uma ameaça a noção distorcida de existência, sendo desafiadora, angustiante, por apresentar uma forma diferente que antes não se percebia. Essa percepção começa a fazer parte de Nina por querer ser o Cisne Negro.

O filme nos traz o questionamento de como ser autêntico e como a falta de autenticidade nos prejudica. Nina se colocava como uma pessoa sem defeitos, vivendo uma ideia que sua mãe produziu e ela instituiu como um alicerce, mas para ser o Cisne Negro era preciso ter defeitos, demonstrá-los, abrindo mão do seu alicerce, e buscando ser outra pessoa que vivenciou sentimentos que ainda não o tinha vivenciado; logo passou a questionar sua vida anterior, de relação com sua mãe, descobertas sexuais com Lily, horários, planos de vida, diante de uma dificuldade

nesse espaço que se criava. O organismo não age tranquilamente para o aperfeiçoamento, mas em meio a lutas e dores (ROGERS, 1977).

Importante salientar que seria importante a realização de psicoterapia na vida de Nina para facilitar e acompanhar seu processo na busca de sua compreensão; seria relevante um profissional para lhe ouvir empaticamente, compartilhando de alguma forma sua vivência. Nina não sabia que o que a induzia a ser o Cisne Branco e o Cisne Negro era a si mesma. No dia da apresentação, quando ninguém achava que viria pelo tempo que restava, ela chegou e a encontraram no seu camarim. Dessa vez não veio sozinha, veio com o que buscava, os defeitos que conseguiu ver, as dores que conseguiu sentir, o lado que tanto negligenciou, e estava tão certa que estava preparada que Thomas questiona se ela tem condições e diz “A única pessoa no seu caminho é você mesma. É hora de deixar ela fora do seu caminho”, portanto Nina sabia que tinha que carregar a si mesma, por enquanto, em consonância, para apresentar os dois papéis sem medir o que iria sofrer, o que iria lhe custar.

Na apresentação, para apresentar o Cisne Negro ela matou a si mesma, “deixando fora do seu caminho” como orientou Thomas e “se deixou levar”, de forma espontânea, caótica, como também disse Thomas no início do filme “Vamos despi-lo, torná-lo visceral e real.” Nina realmente fez o que foi pedido para o papel, ser visceral, e em seu final, em sua morte, afirma “Eu fui perfeita”, mas para quem? Portanto, percebemos que não se trata de uma libertação, mas servilidade pela busca de ser aceita novamente, se enquadrar e atingir expectativas do diretor da companhia, de suas colegas e de sua mãe. Seu olhar final é de conforto, de felicidade por ter alcançado a ilusão que buscava que seria momentânea se não fosse o seu fim. Para Rogers uma sociedade não pode ser livre sem libertar continuamente as pessoas para que atualizem seus potenciais (CAVALCANTE, 2008).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do conceito da autenticidade traçamos em sua definição sobre como se ter uma postura autêntica e seus desdobramentos, e juntamente com as outras condições facilitadoras, adquirir formas para compreensão do seu imbricamento, além de distanciar através das perspectivas de autores de referência sobre o tema. A autenticidade é fundamental para o desenvolvimento da pessoa e a estrutura do organismo pois direciona todas as suas relações.

A análise fílmica foi surpreendente como potencial de uma visão crítica acerca do conceito da autenticidade. Pode-se observar não só a prática e a sua falta, mas situar a relação que é construída através das dificuldades estabelecidas pela personagem Nina. Percebemos suas divergências e incompletudes na trajetória da personagem, além de sua frustração amplamente sentida durante toda a escrita por não se colocar de acordo com sua perspectiva de forma verdadeira.

Chegamos aos objetivos com êxito e acredito que foi aberto um espaço para uma maior investigação dos conceitos da ACP por não só discutirmos uma perspectiva para elucidar o conceito, mas buscar uma compreensão da personagem. Isso nos leva a uma diferença de não buscar criar uma posição como uma parte conceitual para ser discutida, mas elencar suposições e repensar modelos de existência.

Houveram dificuldades na pesquisa pela falta de materiais traduzidos, dificuldade em expressar minha forma de entender o conceito que muitas vezes se confundia com os autores e este pesquisador tinha que fazer um grande retorno sobre o que queria, repensando sobre o tema e pelo tempo que nos encontramos ainda em uma pandemia que vem desde 2020 arrastando um sentimento difícil de descrever, entre um vazio dominante, silencioso e uma fuga insistente diante da realidade. Sinto minha alma devastada.

Por fim concluo que foi uma grata surpresa os encontros possíveis de uma análise fílmica muito além do superficial que faz questionar o que entendemos enquanto processo terapêutico, relações pessoais, manejos clínicos e forma de existir no mundo em que precisamos cada vez mais nos colocar sem saber onde podemos caber. Assim como Nina, podemos buscar um abrigo adoecendo aos poucos ou ir aos poucos lutando para uma maior vivacidade, sentido, na existência.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. R. de. Consideração Positiva Incondicional no sistema teórico de Carl Rogers. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 177-190, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100015&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 01 dez. 2021.
- AMATUZZI, M. M. **Por uma psicologia humana**. Campinas: Alíne, 2001.
- BANDEIRA, E. **Carl Rogers no Brasil**. São Paulo: GRD Edições, 2012.
- BERTOLIN, R.; BRITO, M. J. Análise fílmica: alternativa metodológica na pesquisa organizacional refletindo subjetividade, trabalho e corporeidade. *In: III ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO*, 3., 2011, João Pessoa.

- Anais. João Pessoa: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – ANPAD, 2011.
- BONDIA J. L. **Tremores: Escritos sobre experiência**. 1 ed. – 4. reimp. Belo Horizonte : Autentica Editora, p. 18. 2019.
- BRANCO, P. C. C. **Psicologia humanista de Carl Rogers: recepção e circulação no Brasil**. 2015.
- BRANCO, P. C. C.; CIRINO, S. D. **Funcionalismo e pragmatismo na teoria De Carl Rogers: apontamentos históricos**. Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 22, n. 1, p. 12-20, jun. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 nov. 2021.
- BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Ligia. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9. São Paulo, 2008. Anais... São Paulo: ENANCIB, 2008. Disponível em: Acesso em: 14 de dezembro de 2021.
- BOWEN, M. C. V. B.; CARL, R.; SANTOS, A, M. **Quando fala o coração**. Porto Alegre, RS. Artes Médicas Sul Ltda. p. 61, 64-65. 1987.
- BOZARTH, J. **Terapia centrada na pessoa: um paradigma revolucionário**. Lisboa: Edial, p. 04-65, 125, 2001.
- BUYS, R. C. **Supervisão de Psicoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa**. São Paulo: Summus, 1987.
- CAMPOS, R. F. Ética Contemporânea: os anos 60 e o projeto de psicologia humanista. **Epistemo-somática**, Belo Horizonte , v. 3, n. 2, p. 242-262, dez. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-20052006000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 dez. 2021.
- CAVALCANTE Jr., F.S. Psicologia Humanista Experiencial, In: CAVALCANTE Jr., F.S; SOUSA, A (Org.). **Humanismo em funcionamento pleno: tendência formativa na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP**. Campinas: Alinea, 2008.
- FREITAS, A. D. G. de; LEITE, N. R. P. **Linguagem fílmica: uma metáfora de comunicação para a análise dos discursos nas organizações**. Revista de Administração (São Paulo), v. 50, p. 89-104, 2015.
- JUSTO H. **Cresça e Faça Crescer: Lições de Carl Rogers**. Canoas: La Selle, 2001.
- PUENTE, M. **O ensino centrado no estudante: Renovação e crítica das teorias educacionais de Carl Rogers**. São Paulo, SP: Cortez e Moraes, p. 73, 1978.
- PENAFRIA, M. **Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s)**. In: VI Congresso Sopcom. 2009.
- PEREIRA, C. A. M. **O que é contracultura**. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1986.
- ROGERS, C. R.; ROSENBERG, R. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, p. 72, 1977.
- ROGERS, C.R.; KINGET, G. M. **Psicoterapia e Relações Humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva**. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, v. 1, p. 44, 1977.
- ROGERS, C. R. **Sobre o Poder Pessoal**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ROGERS, C. R. **Terapia centrada no cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ROGERS, C. R. **Um jeito de ser**. 13. ed. São Paulo: EPU, p. x, 14, 38-39, 2020.
- RUDIO, F. V. **Orientação não-diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- SALGUEIRO, M. A. T. et al. o papEI da gESTão dE pESSoaS na inSERção E na ManUtEnção dE pESSoaS coM dEficiência naS oRganizaçõES, à IUz da análiSE

fílmica. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 7, n. 4, p. 549-569, 2014.

SILVA, G. C. R. F.; O método científico na Psicologia: abordagem qualitativa e quantitativa. **Revista Eletrônica da Psicologia.pt**, [online], nov., 2010. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0539.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

WOOD, J. K. *et. al.* **Abodagem Centrada na Pessoa**. Vitória: UFES. p. 211-215, 281. 2010.